REVISTA DA FUNDARTE
ANO 23
NÚMERO 53
JANEIRO A MARÇO DE 2023
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO



REVISTA 53
ARTE: O CRIAR, O FAZER E O APRECIAR

SUJEITOS, COREOGRAFIAS E RELAÇÕES DESENVOLVIDAS, A PARTIR DE UM FESTIVAL DE DANÇAS ESCOLARES NO INTERIOR DO RIO GRANDE DO SUL

SUBJECTS, CHOREOGRAPHIES AND RELATIONSHIPS DEVELOPED, FROM A SCHOOL DANCE FESTIVAL IN THE INTERIOR OF RIO GRANDE DO SUL

Rodrigo Lemos Soares
Denise Prado Costa
Billy Graef Bastos

Resumo: Este texto possui como proposta analisar relações de motivação à participação no Festival Dança Estudantes. A pesquisa foi possível pela colaboração de três professoras e dois oficineiros vinculadas(os) a Prefeitura Municipal do Rio Grande. A metodologia é qualitativa, com uso de entrevistas semiestruturadas e individuais, as quais foram gravadas, transcritas e refletidas sob a técnica da Análise cultural. As respostas centram-se na elaboração coreográfica que deriva de múltiplos artefatos culturais que motivam os sujeitos a participarem do evento, orientados(as) por compreensões distintas sobre dança e competição, além de ocorrem transformações nos contextos escolares, pelo envolvimento da comunidade, a fim de oportunizar a participação dos sujeitos no festival.

Palavras-chave: Festival Dança Estudantes. Educação. Danças.

Abstract: This text proposes to analyze the relations of participation in the Festival Dança Estudantes. The research was made possible by the participation of three teachers and two workshop workers linked to the Municipality of Rio Grande. The methodology is qualitative, using semi-structured and individual interviews, which were recorded, transcribed and reflected using the technique of Content Analysis. The answers focus on the choreographic elaboration that derives from multiple cultural artifacts that motivate the subjects to participate in the event, guided by different understandings about dance and competition. Transformations occur in school contexts, through the involvement of the community, in order to create opportunities for the participation of subjects.

Keywords: Festival Dance Students. Education. Dances.

Primeiros passos...

O Festival Dança Estudantes (FDE) ocorre há cinco edições, desde 2017. Diversas escolas de educação básica participam do evento através das composições coreográficas elaboradas, pelos(as) estudantes e seus(suas) professores(as). É um momento de apresentar para aos familiares, professores(as), amigos(as) dos(as) alunos(as) as danças próprias de cada segmento, as que cada um(a) desenvolve, aprecia e acredita. Ele é um evento anual que acontece no CIDEC Sul (anfiteatro da Universidade Federal do Rio

Grande), instituição parceira, juntamente com a Prefeitura Municipal do Rio Grande, através da Secretaria de Município da Educação e o Centro Municipal de Iniciação Esportiva Ney Amado Costa.

O evento tem como proposta promover o intercâmbio entre as produções artísticas realizadas por escolas, grupos independentes, ONGs da cidade e fora dela, porém, com ênfase nas escolas municipais de Rio Grande. O objetivo é valorizar, difundir e incentivar o talento das pessoas através da Arte do Movimento, evidenciando todo o potencial criativo de cada segmento artístico individual e coletivo, visto que as danças são um instrumento de suma importância para o desenvolvimento sociocultural, contribuindo na produção de conhecimento, de forma significativa, na formação do indivíduo como um todo. O evento, visto como prática cultural, é um caminho para o desenvolvimento das danças nos contextos escolares, portanto, busca valorizar as dinâmicas no próprio ambiente dos(as) estudantes.

Durante os dias do evento são muitos os impactos entre corpos distintos que tensiona as vivências, aprendizagens. Ao deparar-me com sujeitos distintos percebo o quanto, no coletivo, produzimos efeitos nas vidas uns dos outros. O FDE me motiva a realizar este estudo em função da minha relação e trajetória com a dança e de tudo que eu construí dentro do universo dançante na rede municipal do Rio Grande/ RS. Por ser um evento que promove as danças desenvolvidas no ambiente escolar e por eu estar inserida nesse contexto, desde que iniciei a minha caminhada como servidora pública municipal, é algo que me fascina pesquisar e buscar entender por que as pessoas desenvolvem práticas dançantes nas suas rotinas escolares.

> Como professores, alicerçados pelo conhecimento da história, podemos hoje nos perguntar: em que filosofia de dança embaso a minha prática pedagógica? A dança moderna de Isadora Duncan? O pós-modernismo de Cunningham? Ou o contemporâneo de Pina Bausch? Que implicações minhas escolhas filosóficas e artísticas têm em minhas práticas pessoais de ensino? Como meu alunado de hoje se relaciona com as práticas do passado? Estou como professor sendo capaz de reler o passado, para viver o presente e projetar o futuro? (MARQUES, 2019, p.196).

Além disso, entender quais são as razões em participar de um evento, que permite a troca de vivências, através do movimento corporal que cada participante

acredita, executa e defende como a sua coporalidade. Motivados por essas decorrências introdutórias destacamos que este estudo foi possível pela colaboração de três professoras e dois oficineiros vinculadas(os) a Prefeitura Municipal do Rio Grande. Esse grupo representa um conjunto de sujeitos que desenvolvem práticas em danças como conteúdo dentro da disciplina de Educação Física como no caso das professoras V.X.[1], M.O.P., L.S.S. e os oficineiros, G.B.F. e J.A.F., que atuam através de projetos e programas, como atividades extraclasse, no turno inverso ao da escola.

As análises orientadas pelas técnicas da Análise Cultural possibilitaram, a partir do processo de escuta, compreensão cultural, produção narrativa, transcrição, devolução e análise a formação de três categorias, sobre as quais discorreremos no tópico de desenvolvimento do artigo. Destacamos que as narrativas das(os) participantes estão alocadas no corpo do texto, com grifo em itálico. A metodologia é qualitativa, com uso de entrevistas semiestruturadas e individuais, as quais foram gravadas, transcritas e refletidas sob a técnica da Análise Cultural inspirada pelo estudo e operacionaliza realizados na pesquisa de Soares (2021).

Um desenvolvimento possível frente as narrativas estudadas

O item de articulações teóricas do artigo foi possível pela utilização dos excertos e compreensão do contexto cultural das(os) colaboradoras(es) do estudo. Realizamos as entrevistas, transcrevemos e enviamos a cada participante o texto que derivou das suas respostas. Cada participante teve o tempo que precisou para retornar com o material apontando acréscimos e supressões, caso julgassem necessário, o que não ocorreu. A partir desses movimentos passamos ao estudo e análise das narrativas: primeiro a leitura individual, depois a coletiva e, por fim a leitura com destaques nas narrativas. Com esse exercício chegamos em conjuntos de ideias o que chamamos de categorias de análise, são elas: Motivações a participação no FDE; Dificuldades e facilidades no(s) processo(s) de composição das coreografias apresentadas no FDE e Possíveis desdobramentos, a partir da

[1] Por questões da ética em pesquisa com seres humanos utilizaremos as iniciais dos nomes das(os) colaboradoras(es), conforme acordo firmado no termo de consentimento livre e explicativo.

participação no FDE. Cada um desses grupos de análises compõem os subtítulos que seguem.

Motivações a participação no FDE

O FDE é pela narrativa dos sujeitos um evento-espaço de trocas, de aprendizados e, sobretudo, de respeito aos pares através de práticas dançantes. Penso que tal compreensão deriva da receptividade das performances artísticas e estéticas onde a combinação dos movimentos traduz a arte que afeta cada um(a) por meio das coreografias. A minha concepção parte do entendimento de que "[...] a estética permite ao ser humano ler o mundo através de um olhar que concilia a racionalidade com a emocionalidade [...]" (LACERDA; GONÇALVES, 2009, p.112). Isso porque, compreendo que a estética "[...] refere-se à sensibilidade e, portanto, à propriedade de se conhecer através do sentir pessoal/ particular, proporcionando a observação do mundo de modos diferentes [...]" (FIAMONCINI, 2006, p.63). Razão pela qual defendo que os(as) participantes do FDE sentem-se incitados(as) e viver a edição e retornarem em outras.

O espaço conquistado pelo FDE, ao longo das edições, reflete a realidade de diversos contextos educativos, enaltecendo questões sociais, culturais e ambientais, sob o ponto de vista e olhar de professores(as), oficineiros(as) e seus(suas) alunos(as). Para tanto destaco que "[...] o espaço não existe aleatoriamente, é o corpo em movimento que constrói o espaço, que o torna visível, transformado, impregnado de sentidos [...]" (MARQUES, 2019, p.105). Compreendo então que,

> [...] as habilidades do corpo através da dança é pensar que o corpo fala sobre si mesmo, que o corpo, por suas habilidades, constrói um fazer que especialize seu potencial. É entender que o corpo que dança habita o mundo e o espaço. Que ele mesmo é capaz de construir o seu repertório para realizar habilidades específicas que o tornem mais apto à ação (ROCHA; RODRIGUES, 2007, p.68).

O quantitativo de composições coreográficas, múltiplos gêneros, categorias e modalidades abrangem um público diverso, com idades diferentes e territórios distintos. Contudo, são as danças que e as relações intra e inter palco que me possibilita compreender que são elas o fio condutor desse espaço de sociabilidade. Enquanto observadora do FDE entendo que é pelo compartilhamento e apreciação

que os sujeitos se percebem como pertencentes a um mesmo movimento artístico, pelo menos naqueles momentos. Ao dizer dessas percepções reitero que o FDE propicia modos de estímulo a participação e socialização pelos intercâmbios culturais produzidos e acessados (FREIRE; ROLFE, 1999), ao longo dessas edições.

Ao longo da sua trajetória o evento foi conquistando o seu espaço, ganhando credibilidade e se constituindo através de um coletivo de corpos traduzindo emoções, repercutindo através das danças, realidades de cada contexto participante. A cada nova edição fica evidente o crescimento dos(as) alunos(as) frente aos trabalhos artísticos apresentados. Evidencio a importância das trocas estabelecidas e da apreciação da arte que cada um(a) estabelece e executa, através dos seus sentimentos e emoções, reunindo gestos e movimentos através de uma temática.

> [...] as atividades de dança podem ser uma forma de concretizar e corporificar potências de ideias, visões e percepções de mundo. Somos quem somos em relação ao mundo: é o universo das relações entre nós e o mundo que nos constitui [...]. (MARQUES, 2019,p.62).

Partindo desse olhar para a arte da dança, entendo que tudo o que foi criado e apresentado no FDE faz parte dos processos criativos de alunos(as) sob a orientação dos seus(suas) professores(as) e oficineiros(as), como foi expresso no excerto a seguir: *"A motivação foi que, através do FDE, tivemos condições de criar o grupo de dança da escola, movimentando a comunidade da Ilha da Torotama para a participação [...]" (G.B.F.).* O evento permitiu a criação de uma dinâmica diferente dentro do ambiente escolar dando voz aos moradores daquela localidade, distante do centro da cidade e que tiveram a oportunidade de serem apreciados e aplaudidos através da arte da dança.

"Foi a sede dos(as) alunos(as) de querer mais. Poder ter uma interação com outros(as) alunos(as), de outras escolas. Fazer entender que outros trabalhos artísticos são importantes enquanto escola. Conhecer outras realidades e compreender que outras escolas também enfrentam dificuldades semelhantes, principalmente com relação as questões financeiras [...]" (J.A.F.). Nesse sentido, a dança produzida a partir do FDE é uma arte não só para ser contemplada, apreciada

e admirada, mas para ser aprendida numa tentativa de levar os(as) alunos(as) a perceber os seus pares a partir do olhar sobre si, vivenciando o seu corpo consigo mesmo, com os outros e com o mundo.

"Foi diferente dentro do processo da escola. Participar foi um divisor de águas. Tivemos condições de levar as coreografias para fora da comunidade da escola [...] sair da zona de conforto. Possibilitar o convívio de um público de diferentes escolas. Foi uma construção, de encarar outros palcos e outras pessoas. A possibilidade de um olhar para o outro, conhecendo os bastidores e novas experiências [...]" (V.X.). Ao compreender a narrativa da professora assumo a premissa de que "[...] nós nos tornamos nós mesmos através dos outros [...]" (VIGOTSKI, 1989, p.56), pelas interações que nos sãos propostas e pelas quais aceitamos.

"Oportunidade de mostrar o trabalho que é desenvolvido na escola e o contato com estilos e trabalhos variados que cada escola apresenta [...]" (M.O. P.). Vivenciar e experimentar novos desafios, significa que, a partir do FDE os(as) alunos(as) têm oportunidades de se descobrirem, enfrentando barreiras a serem vencidas. Nesse sentido, a educação através da dança possibilita a formação de pessoas estabelecendo o senso crítico e a construção de opiniões próprias com relação à sociedade onde vivemos.

"Competição saudável e a motivação para a criação, ensaios, vivências, experiências e trocas entre alunos de diversos contextos. Conhecer pessoas diferentes e ampliação de horizontes. Representatividade em nome da escola e de tudo que vivenciaram e de tudo o que o grupo representa [...]" (L.S.S.). A partir dessa fala, entendo que a participação no FDE outras realidades. É uma liberdade de movimentos que possibilitam o sentir das emoções, sensações e de tudo o que a dança representa naquele contexto que está sendo evidenciado e apresentado.

Strazzacappa (2006) escreveu que a participação em eventos de dança, principalmente pelos espaços escolares possibilita inúmeras formas de aprendizagens, dentre elas cito: a apreciação estética, a experiência de leituras sobre outras manifestações e corporeidades significativa, seja para bailarinos(as) ou expectadores(as) (família, amigos(as), demais coreógrafos(as), entre outros(as)).

Além disso, um festival que se abra para discussão ou detenha um espaço de interlocução entre organização, jurados(as) e participantes possibilita a ruptura de preconceitos e as danças ganham campo para transcender os corpos que dançam no palco, isso porque, as emoções dos(as) sujeitos dançantes confundem-se, de alguma forma com as das pessoas que fruem (STRAZZACAPPA, 2006). Dessas leituras observo o FDE como um espaço que motiva.

Dificuldades e facilidades no(s) processo(s) de composição das coreografias apresentadas no FDE

"A dificuldade é não ter espaço nem um local adequado e seguro para os ensaios das coreografias. É uma escola rural, numa vila de pescadores, que enfrenta diversos problemas e que estes afetam o funcionamento da escola. Espaço, deslocamento, mas o amor pela dança supera tudo [...]" (G.B.F.). Provavelmente a falta de um espaço adequado para o desenvolvimento das práticas dançantes, seja uma realidade enfrentada por grande parte das escolas. Sobre o amor, entendo que as danças podem promover motivação para o estudante estar na escola, enxergar outras possibilidades, ter outras perspectivas, pois não basta o professor amar a dança, ele precisa mobilizar essa paixão, vontade, desejo, motivação também.

"Acredito ser um grande desafio a montagem de coreografias dentro do ambiente escolar. É preciso buscar alunos(as) com facilidade na dança. Elaborar as coreografias mais elaboradas por ser um festival de dança, mas dentro dos limites de cada um(a). A dificuldade maior é o fato de buscar bailarinos(as) adeptos(as), tipo de situação que todo o festival de dança tem. Tirar o funk, apresentando outros estilos, tendências e possibilidades [...]" (J.A.F.). Nesse sentido, penso que as danças podem ser desenvolvidas com orientação nas sensibilidades e nas subjetividades de cada sujeito (SOARES; PEREIRA, 2022), ou seja, é importante partir da realidade do contexto e, aos poucos, apresentar segmentos e estilos diferentes dos que os(as) alunos(as) estão acostumados(as) a praticar. Provavelmente aqui se tenha um grande desafio a enfrentar. Cabe ao professor(a), instrutor(a) saber conduzir o trabalho de uma forma que procure incentivar as

verdades dos(as) seus(suas) alunos(as), através de estilos que sejam familiares e que façam parte daquele contexto.

Outro ponto relatado ao longo das entrevistas, foi a questão financeira interferir na elaboração das coreografias, no sentido do figurino ser um elemento importante no conjunto da performance artística, principalmente por se tratar de um festival de dança, conforme exposto a seguir: *"O financeiro atrapalha, pelo fato de não conseguir colocar no palco tudo o que é imaginado. Enquanto professora e coordenadora das atividades em dança na escola, tenho facilidades e, outras vezes, um desafio, por não ter com quem dividir as tarefas [...] gostaria de ter colegas para auxiliar. No FDE procuro sempre levar o grupo de alunas mais experientes e mais velhas, com autonomia, pelo fato de serem mais independentes e pela questão da facilidade e organizar o transporte e deslocamento até o FDE, além de entenderem sobre os processos avaliativos, quando elas participam da competição [...]" (V.X.).*

No FDE os critérios avaliativos se pautam em quesitos que, em conjunto, propiciam uma avaliação global do trabalho apresentado (NISBETT; SCHUCKSMITH, 1987). Além disso, eles ao condessarem o conjunto, consideram, também, a faixa etária do público dançante. Como venho do cenário de danças que participam de concursos tenho, sempre, a preocupação de deixar explícito seja no regulamento ou por explicações aos(as) participantes quais os objetivos de cada item avaliado. Um aspecto necessário de ser reiterado é o fato de que realizamos uma reunião com o corpo de jurados(as) para destacar os aspectos importantes no que diz respeito à avaliação. Nas conversas [eu e a comissão julgadora] apresento o contexto geral das escolas, faixas etárias e demais elementos artísticos sobre as danças que são repassados nas fichas de inscrição e, por assim dizer, ser analisados de modo objetivo. Contudo, um ponto frágil é sempre a questão da performance e estético, pois, ambas derivam dos referencias de cada avaliador(a) (FREIRE; ROLFE, 1999).

Enquanto estratégia avaliativa (NISBETT; SCHUCKSMITH, 1987), o FDE busca múltiplos distanciamentos das danças com repertórios prontos ou amplamente difundidos, como por exemplo, as manifestações oriundas de FitDance, Zumba, Tik Tok, entre outros. Definimos, nas reuniões pré-evento que a valoração

precisa recair sobre as expressividades, criação e presença cênica dos(as) dançantes. O FDE enaltece os pesquisas e modos como as propostas são desenvolvidas, articuladas a expressão coletiva. Contudo, a comissão avaliadora possui liberdade para indicar destaques individuais dentro dos grupos (EHRENBERG, 2014), mas todas as premiações são debatidas, no intuito de propiciar que o evento siga forjando espaços para o consumo, formação de público e praticantes das danças (EHRENBERG, 2014).

Entendo que essas atitudes possibilitam que o FDE assuma, de alguma forma, um caráter cientificista. Esse signo parece-me necessário, pois, o evento possui modalidades distintas de participação (mostra competitiva e não competitiva), para tanto, é necessário desenhar e definir os modos e medidas que quantificarão e classificarão os trabalhos. Ainda que não seja a melhor estratégia sigo com a impressão de que a confiabilidade no FDE recai sobre as questões que designam a precisão avaliativa.

Para traçar um contraponto estabeleço que a falha nos festivais está em avaliar o produto "final", mas compreendo que os processos não são possíveis de serem mensurados em um ou dois dias de evento. Desse modo, assumo isso, como um dos limites do evento o FDE, pode apresentar, em alguma medida, signos de seletividade e valoração da competitividade (HOFFMANN, 2014), porém, não me deterei sobre essas questões nessa pesquisa. Contudo, ainda defendo que as avaliações buscam aprimorar, acentuar os significados, de modo que entendam as avaliações "[...] para possibilitar que os alunos integrem o saber com o saber-fazer, o pensar e o agir com o sentido, o que lhes permitirá desenvolver competências [...]" (GONÇALVES; ALBUQUERQUE; ARANHA, 2008, p.20).

"[...] conhecimento adquirido no grupo social e familiar [...] para que assim o aluno possa perceber-se e considerar-se parte integrante da formação e recriação dessas manifestações culturais [...]" (EHRENBERG; GALLARDO, 2005, p.123). O foco é que se sintam vivenciando espaços de ludicidade, por meio das danças sobre as quais recairão leituras que envolvem relações temáticas que articulam razão, emoção, música, figurino, luz, entre outros elementos que constituem a cena da coreografia (SOARES; PEREIRA, 2022). Sobre esse argumento os(as) dançantes

desenvolverão uma Educação estética, pois, ela "[...] pode reverter o embotamento dos sentidos dirigido pela racionalidade unidimensional mediante uma perspectiva de estetização como experiência formativa [...]" (BARONI, 2015, p.13).

> A escola constitui um lugar favorável ao desenvolvimento da educação estética, sendo fundamental que não se constitua num espaço reservado, predominantemente centrado na aquisição de competências cognitivas, mas antes um espaço aberto, atento às alterações e evoluções culturais e sociais, permeável a diferentes formas de representação do imaginário. Através do mediador estético é possível estabelecer um diálogo privilegiado entre o mundo cognitivo e o mundo afetivo. (LACERDA; GONÇALVES, 2009, p.101).

Esses elementos, embora sejam esperados, podem ser suprimidos, quando definidos na concepção coreográfica e, desse modo, ao serem acionados redefinem outros campos de leitura às manifestações artísticas (SBORQUIA, 2014). Considero a existência dessa possibilidade como um elemento questionador das artes, um exemplar da educação e produção estética, algo pertinente quando a ideia é pensar e defender a existência dos festivais artísticos como espaços educacionais (SOARES; PEREIRA, 2022). Isso porque, entender o FDE em seu caráter avaliativo implica que em uma práxis dialógica, de modo a compreender nas edições anteriores como as danças são vistas, para refletir como o ato de conhecer-na-ação pode ter contribuído para resultados outros. Sobretudo, porque Soares e Pereira (2022) argumentam que toda avaliação, independente da natureza ou direcionamento, pressupõe, pelo menos, um espaço de contra argumentação para que pensemos sobre nossas atitudes e proposições, ou melhor, uma investigação rigorosa sobre o que foi escrito acerca de uma coreografia apresentada.

"As(Os) alunas(os) contribuem nos movimentos, escolha das músicas, figurinos, se apropriando desta maneira de cada coreografia apresentada. Existe uma preocupação da professora em buscar que as coreografias sejam significativas para os(as) alunos(as). As dificuldades financeiras são as maiores, sejam de espaço, de tempo e de valorização do trabalho. A participação dos(as) alunos(as) foi crescendo a cada ano, a cada edição. Durante a pandemia, as duas edições digitais, 2020 e 2021, houve uma diminuição com relação ao interesse em participar. O nível dos trabalhos cresceu muito [...]" (M.O.P.). Esta identificação da preocupação com a contextualização da dança, pode ser considerada fundamental no seu

desenvolvimento, pois a torna mais próxima da realidade do(a) aluno(a) aumentando, portanto, o seu interesse, a sua dedicação, refletindo na performance artística.

> [...] a escola deverá estar sensível ao mundo daqueles que são a maioria: as classes populares e se valer da vontade de fazer chegar a elas, conteúdos significativos, que tenham relação com sua vida e que permitam a compreensão em si, das coisas que a cercam e da relação entre ambas [...]. (NANNI, 2003, p.100).

"Mais dificuldades por se tratar de escola pública. São pontos que tornam o trabalho mais lento e cansativo. A questão do espaço é uma dificuldade e um ponto alto. O espaço para ensaios, por ser aberto, impossibilita o trabalho em dias de frio e chuvas. Falta de dinheiro para a confecção dos figurinos. Porém afirma que todas as dificuldades não remetem a tristeza porque os(as) alunos(as) superam todas as dificuldades e obstáculos, através das performances apresentadas nas edições do FDE [...]" (L.S.S.). No que diz respeito à falta de espaço, acrescento "[...] que a dança produz movimentos expressivos, portanto, para os alunos conseguirem adquirir uma boa expressão corporal, é necessário ter espaços mais reservados para que possam concentrar-se na produção do movimento [...]" (GALLAHUE, 2008, p.384). Isso porque, ela pressupõe abertura de caminhos e diálogos com o imaginário é, para além, de uma questão corporal [materialidade biológica], pois, envolve compreender os desafios e experimentações para criarmos algo (SOARES; PEREIRA, 2022).

Ehrenberg (2014) escreveu que as danças que se propõem a participar de festivais precisam, em certa medida ou todo, escapar dos elementos já apresentados, pelo risco que correm de ser aproximadas das expressões difundidas por quem as criou. Contudo, somo a esse pensamento que as danças que participam do FDE tendem a possibilitarem múltiplas expressividades ao explorarem processos criativos distintos, que nem sempre correspondem aos anseios ou mesmo condições cognitivas dos(as) participantes. Tal acontecimento articulado a expressão corporal podem ser um dificultador na concepção ou mesmo produção de coreografias. A criação coreográfica mescla elementos como: improvisação, inteligências, emoções, dentre outros, assim é possível dizer que é um exercício

criativo, interdependente de leituras de mundo, presença e problematização da vida (SOARES; PEREIRA, 2022).

> [...] se o professor acompanhar as tendências contemporâneas de Arte, ele constatará que aspectos como a diversidade de corpos e os processos de criação coletivos estão na base da maioria dos trabalhos artísticos. Abastecendo-se dessas formas e refletindo sobre seus propósitos, professores e alunos tenderão a aproximar as suas práticas das práticas em Arte que se desenvolvem fora da escola, o que é não apenas desejável, mas imprescindível numa proposta educacional que pretenda estar conectada à vida dos indivíduos envolvidos. (CORRÊA; SANTOS, 2014, p.520).

Compreendo então que os processos de composição coreográfica, enquanto um meio articulador no eixo Dança-Educação, possibilita espaços para debates e tomada de decisões acerca das noções referentes à: senso estético, música, maquiagem, figurino, plasticidade de movimentos, dentre outros (SOARES; PEREIRA, 2022). Tal compreensão parte do diálogo com Soares e Pereira (2022) ao escreverem que, ainda que tenhamos modalidades de danças com repertórios preestabelecidos, em nível escolar, a produção de uma coreografia dinamiza o envolvimento dos sujeitos, desenvolvendo o sentido crítico-criativo dos(as) mesmos(as). Nesse sentido reitero que uma composição coreográfica ao ser pensada e produzida tem a necessidade abranger múltiplas linguagens, a saber: verbais, imagéticas, míticas, rituais, mímicas, gráficas, musicais, plásticas referenciadas em leituras de mundo, as quais contém em si mesmas, tanto a face da continuidade quanto a da construção do novo.

Possíveis desdobramentos, a partir da participação no FDE

Nas leituras das entrevistas percebi como evidente que a participação dos(as) alunos(as) no FDE proporciona uma sensação de bem-estar, superação de limites e processos de desafio pela experimentação e, também, serem avaliados(as). Tal análise dialoga com Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) a expressar que: “A finalidade é possibilitar aos estudantes participar de práticas de linguagem diversificadas, que lhes permitam ampliar suas capacidades expressivas em manifestações artísticas, corporais e linguísticas [...]” (BRASIL, 2017, p.63).

> A dança é um meio quase ilimitado de aprendizagem. Mas deve orientar a tomar cuidado ao trabalhá-la como conteúdo educativo: ele não pode, de maneira alguma, reforçar modismos, que geralmente são lançados pelos

> meios de comunicação de massa com intenção exclusivamente comercial. Ele deve alertar seus alunos sobre os interesses da indústria cultural para que seu trabalho não omita a existência dos estilos comerciais, mas desperte o senso crítico de seus educandos a respeito deles. (SIQUEIRA, 2006, p.21).

"Alunos(as) mais ativos(as), mais desinibidos(as) e mais confiantes. As premiações recebidas ao longo das edições do FDE, estimularam de forma positiva a autoestima do grupo. O FDE, por ser uma atividade inclusiva, dá oportunidades para crianças e jovens de escolas públicas municipais a participarem e apresentarem o seu trabalho, a sua dança e os talentos, que se encontram em contextos diferenciados. É um evento que integra e que permite a troca de experiências entre alunos(as) de outras escolas. A cada ano, a cada edição, nós vamos tentando melhorar e aqui entra a questão do que destaco como crescimento dos(as) meus alunos(as), adquirindo aperfeiçoamento de técnicas de conhecimento, de figurino e de apresentação performática. É todo um envolvimento coletivo para apresentarmos o melhor da nossa escola no FDE [...]" (G.B.F.). As danças então, se constituem, práticas artísticas

> [...] pelo pensamento e sentimento do corpo, mediante a articulação dos processos cognitivos e das experiências sensíveis implicados no movimento dançado. Os processos de investigação e produção artística da dança centram-se naquilo que ocorre no e pelo corpo, discutindo e significando relações entre corporeidade e produção estética. (BRASIL, 2017, p.195).

"A evolução das escolas é notória [...] Incentivo aos(as) professores(as) e alunos(as) apresentarem a sua dança. Utilizam a premiação na forma de incentivo para melhorarem os estudos. Todos(as) querem participar do FDE, querem estar naquele lugar, naquele momento dançando e participando. Todos(as) melhoraram muito. É visível a cada edição [...]" (J.A.F.). Ensinar danças pode ser um elemento estratégico pois tende a fornecer "[...] experiências estéticas que possam transformar valores, conceitos e habilidades físicas, sendo significativo no processo de formação de identidades individuais e de diferentes grupos sociais [...]" (SOUZA, 2011, p.41). As professoras e oficineiros identificam no FDE uma oportunidade de aprimoramento das danças, o que demonstra como um elemento motivador para a aprendizagem dessas manifestações nas escolas.

> A dança é um modo de existir. Não apenas jogo, mas celebração, participação e não espetáculo, a dança está presa à magia e à religião, ao trabalho, à festa, ao amor e à morte. Os homens não sabem todos os momentos solenes de sua existência: A guerra e a paz, o casamento e os funerais, a semeadura e a colheita [...] a dança não é apenas expressão e celebração da continuidade orgânica entre homem e natureza. É também realização da comunidade viva dos homens. (GARAUDY, 1980, p.17).

"O FDE foi um marco, tornando-se um evento importante no calendário da escola. Os(As) alunos(as) conheceram através do FDE outras pessoas, diferentes formas de dançar e aprenderam a apreciar e respeitar os seus semelhantes [...] os(as) que participaram querem sempre voltar no ano seguinte e, os(as) que ainda não participaram, questionam quando poderão se apresentar. As experiências e vivências adquiridas ao longo das participações no evento, farão parte da história de cada um e de cada uma. Todos(as) crescem. Tu te tornas pertencente daquele lugar [...]" (V.X.).

"Acho que nesses anos todos, de 2017 a 2021, edições presenciais e digitais, todos(as), todo o mundo teve um crescimento maravilhoso e notório. A gente cresceu em construção, porque não é uma rivalidade e sim, um crescimento coletivo. A dança transforma a vida deles(as) no FDE, fazendo com que barreiras sejam vencidas e o grande ganho pedagógico é o empenho, dedicação e disciplina. Melhora nas performances artísticas, mesmo em proporções diferentes para cada um(a). Enfim, é um ganho social de amizades e cultural, já que todos(as) tem que estar na mesma sintonia de aprendizado, para contar a história da sua coreografia no palco [...]" (V.X.).

Assim, compreendo que,

> [...] o papel da dança na Escola não é formar o bailarino ou restrita a eventos festivos, mas sim, tratá-la e vivenciá-la enquanto conteúdo da cultura corporal, para ampliar a compreensão histórica e social do aluno, sobre o mundo em que vive a partir de suas possibilidades e habilidades corporais, capacitando-o para uma melhor compreensão de ser coletivo e individual em sua totalidade. (ALMEIDA; SANTOS, 1997, p.14).

"O FDE veio para colaborar muito com o crescimento dos(as) alunos(as). Existe uma valorização de todos(as), já que todos(as) recebem medalhas e todas as coreografias apresentadas são classificadas. Existe uma melhora na atenção, concentração e no relacionamento em grupo dos(as) alunos(as). As coreografias passaram a ser mais elaboradas com movimentos mais definidos e aperfeiçoados.

Integração dos grupos e o compartilhar dos saberes. Os(as) alunos estão mais críticos(as) e buscando, a cada edição, o aperfeiçoamento. Estão mais maduras(os), mais focadas(os), responsáveis e unidas(os). A cada ano as escolas apresentam um crescimento desde a qualidade das coreografias quanto ao amadurecimento dos grupos. A dança é mais do que a coreografia perfeita. Cada um tem o seu jeito e o seu talento. Devemos valorizar e oportunizar a dança a todos(as) [...]" (M.O.P.).

O FDE, na sua defesa, de manifestação inclusiva propõe que observemos as danças sob um foco exclusivamente educacional e cumpre essa missão ao "[...] deixar os padrões estéticos, as regras e a técnica, exclusivamente, para ir ao encontro das necessidades do ser humano, ouvindo ideias, percebendo a criatividade e a expressividade dos movimentos [...]" (SBORQUIA, 2014, p.75). Contudo, as pessoas que trabalham com danças nas escolas possuem o compromisso de saber que está lidando com universo "[...] sensível ao mundo daqueles que são a maioria: as classes populares e se valer da vontade de fazer chegar a elas conteúdos significativos que tenham relação com sua vida e que permitam a compreensão em si, das coisas que a cercam, e da relação entre ambos [...]" (NANNI, 2003, p.100).

"Percebo o crescimento dos(as) alunos(as) a cada edição. Possibilidade de criar coreografias novas, formações e gêneros musicais novos. Ampliação de horizontes. Alunos(as) mais críticos(as), menos tímidos(as) e com muito mais coragem de inovar e sair da zona de conforto. Faz parte do crescimento enxergar os erros e aprender com eles(as) [...] trouxeram para a dança temas atuais, discutindo e abordando o racismo e as desigualdades sociais nas coreografias. Ganhamos poio das(os) professores(as) da escola nas questões, principalmente financeiras e da equipe diretiva da escola no trabalho desenvolvido, inclusive na confecção dos figurinos, os familiares participam ativamente. Privilégio de crescimento como docente e como pessoa. Motivação no crescimento e aprendizagens em sala de aula. A dança compreende um modo de expressão e de liberdade. O dançar proporciona novas vivências e aprendizados somados ao prazer de estarem fazendo o que gostam e o que o fazem felizes. Diante de muitas adversidades é notório o crescimento e o rendimento escolar dos(as) alunos(as)[...]" (L.S.S.).

> Expressar tem vários significados. Tem relação com o corpo, com a mente, a emoção, a sensibilidade e a capacidade de dar e receber. Pode-se dizer que, como disciplina educativa, possibilita ao aluno: a) manifestar de forma corporal e plenamente sua mente, suas emoções suas ideias (a nível individual); b) relacionar-se e integrar-se criativamente com os membros de seu grupo (nível grupal); c) aprender a desfrutar e manejar seu corpo como uma totalidade integrada. (BRIKMAN, 1989. p.22).

Como já mencionei o FDE conta, sempre, com a presença de um corpo de jurados(as), os(as) quais possuem a função de estabelecer diálogos entre as proposições e bailarinos(as), principalmente, por meio de fichas avaliativas. A premissa do evento é valorizar um conjunto de atitudes que permitem que os(as) participantes subam ao palco e se percebam dançando. Por essa razão, sempre fazemos uma reunião a fim de diversificar a avaliação, a qual contemple contextos distintos, sem com isso diminuir o trabalho de uma escola em detrimento de outra.

As coreografias expressam inúmeros significados e sentidos daqueles sujeitos, algo que me parece uma aventura por distintos campos de experiência e conhecimento fator que possibilita, pelo menos, um encantamento com a aprendizagem, seja pela produção coreográfica ou execução. Nesse sentido, para que o FDE obtenha mais sucesso busco, sempre, especificar objetivamente os critérios que diferenciam as notas e, por consequência, coreografias fator essencial no processo avaliativo (HOFFMAN, 2014).

> Devemos considerar as emoções como um sistema de reações prévias, que comunicam ao organismo o futuro imediato do seu comportamento e organizam as formas desse comportamento. Daí abre-se para o pedagogo nas emoções um meio sumamente rico de educação dessas ou daquelas reações. Nenhuma forma de comportamento é tão forte quanto aquela ligada a uma emoção. Por isso, se quisermos suscitar no aluno as formas de comportamento de que necessitamos teremos sempre de nos preocupar com que essas reações deixem um vestígio emocional nesse aluno. Nenhuma pregação moral educa tanto quanto uma dor viva, um sentimento vivo, e neste sentido, o aparelho das emoções é uma espécie de instrumento especialmente adaptado e delicado através do qual é mais fácil influenciar o comportamento. (VIGOTSKI, 2004, p.143).

Considero então as emoções dos(as) estudantes, pois, “[...] as reações emocionais exercem a influência mais substancial sobre todas as formas do nosso comportamento e os momentos do processo educativo [...]” (VIGOTSKI, 2004, p.143). Entendo que “[...] na medida em que não é possível separar os processos intelectuais e afetivos, é necessário estabelecer um vínculo que leve o aluno a dirigir

a atenção ao objeto do conhecimento [...]" (EIDT; TULESKI, 2010, p.141). Assim o FDE cumpre sua função social educativa ao se desenvolver, a partir dos olhares desses sujeitos que participaram em todas as edições do evento.

Um intervalo para não fechar as cortinas

As danças, como atividade pedagógica estão sendo construídas no contexto das escolas públicas municipais do Rio Grande por alunos(as), professores(as), gestores(as) e comunidade escolar, enquanto formação pela Educação, Arte e Cultura. Ao compartilhar os achados desta pesquisa, acreditamos que outros(as) profissionais das danças possam se encorajar e se aprofundar no universo dessa prática no âmbito escolar, para além do ato de investigar. Os aprendizados com esses colaboradores nutrem crenças de que as danças são um potente artefato educacional, isso porque, elas envolvem questões sociais e de vida para se desenvolver.

O FDE propicia formas de intercâmbio entre pessoas e as produções artísticas produzidas, sob o olhar e a sensibilidade de professores(as) e instrutores(as) que participaram de todas as edições evento de 2017 a 2021, o que é um desafio, segundo os(as) entrevistados(as). Participar do evento foi uma escolha destas pessoas em parceria com a equipe diretiva das suas escolas e, também, dos(as) seus(suas) alunos(as). Ainda que com objetivos distintos as presenças resultaram na interação com outras escolas, realidades, com reconhecimento dos seus pares, além de saírem de suas zonas de conforto (conforme narrado) ao apresentarem um trabalho artístico para o público de muitas escolas. Estar no evento possibilitou vivenciar um universo das danças para estudantes que se auto oportunizaram observar diferentes estilos e segmentos dançantes, uma ampliação de horizontes, por meio da competição como algo motivador para a criação no coletivo. Saber-se em uma situação avaliativa pressupunha modos de querer e manifestar-se artisticamente no FDE.

Cada um(a) dos(as) entrevistados(as) relatou dificuldades e facilidades no processo da composição das coreografias apresentadas ao longo de todas as edições do FDE, desde 2017 até 2021. O mais recorrente foi a falta de um espaço

adequado nas escolas para a prática das danças e, consequentemente, com relação aos ensaios necessários visando a participação no FDE. Outro dificultador é a questão financeira. Ela, também, interfere, principalmente, na aquisição de figurinos de acordo com cada composição coreográfica elaborada para o evento. Mas, mesmo com alguns obstáculos, ficou evidente nos relatos, o crescimento e rendimento dos(as) estudantes nas edições do festival, bem como, nos resultados em sala de aula, que embora não seja uma condição, apareceu como estratégia docente nas narrativas.

Na medida que as entrevistas foram realizadas, percebemos, também alguns desdobramentos e resultados, a partir da participação no FDE, e que foram evidenciados nas falas dos(as) entrevistados(as), com relação a contribuição social, o respeito e amor pela escola que está sendo representada, o conhecimento de novos estilos, a questão do pertencimento, crescimento cultural, o respeitar a dança do outro, o amadurecimento e a evolução através das trocas estabelecidas. Esses elementos reverberam na elaboração, cada vez mais visível de trabalhos artísticos com linguagens mais definidas, o que oportuniza experiências diante dos seus pares.

A proposta de adentrar no universo escolar sob a ótica de pessoas inseridas nos seus contextos distintos onde produzem e utilizam as danças nesses ambientes, tornou-nos expectadores de práticas dançantes. Nos caminhos do estudo tivemos o privilégio de compreender pistas dos caminhos percorridos até a finalização, ou seja, as coreografias apresentadas no FDE, ao longo das edições realizadas. Compreendemos pistas de como o ensino das danças é produzido nas escolas, uma visão sistêmica e relacional, que identificou os distintos agentes que tornam possível essa prática artística nos ambientes escolares apresentados nas entrevistas.

Entendemos que há disponibilidade por parte dos(as) gestores(as), equipe diretiva e incentivo dos familiares dos(as) alunos(as) em construir uma prática educativa em dança. Esse olhar permitiu-nos conceber que os(as) professores(as) e instrutores(as), com esse suporte ganham fôlego e condições de construir corpos dançantes nas suas escolas. O somatório de forças subiu ao palco das edições através das composições coreográficas estruturadas para o FDE. Porém,

salientamos que o FDE atua como ponte ou motivador para que as escolas se abram, ainda mais, às artes, de modo geral, pois, para além de fazer, é preciso ter espaço para divulgar e pôr para dialogar tudo que se produz no interior das escolas.

Referências:

ALMEIDA, Roseane Soares; SANTOS, Thereza Maria Paes Barreto dos. A Dança: conteúdo escolar para a compreensão histórica da cultura corporal. *Anais.* IX Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte. Espírito Santo. 1997. Disponível em: <https://www.cbce.org.br/anais/> Acesso em: 15 de set. de 2022.

BARONI, Vivian. Para além do unidimensional: Marcuse e a educação estética. *Linhas Críticas*, 21(46), pp. 784-800. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/lc.v21i46.4730> Acesso em: 15 de ago. de 2022.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> Acesso em: 15 de ago. de 2022.

CORRÊA, Josiane Franken; SANTOS, Vera Lúcia Bertoni dos. Dança na Educação Básica: apropriações de práticas contemporâneas no ensino de dança. *Revista Brasileira de Estudos da Presença.* 2014, v. 4, n. 3, pp. 509- 526. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2237-266041528> Acesso em: 15 de ago. de 2022.

DIAS SOBRINHO, José. Avaliação: técnica e ética*. Revista da Rede de Avaliação Institucional da Educação Superior,* [S. l.], v. 6, n. 3, 2001. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/avaliacao/article/view/1151> Acesso em: 15 de ago. de 2022.

EHRENBERG, Mônica Caldas. A dança nos cursos de licenciatura em Educação Física: diagnósticos e possibilidades. In.: EHRENBERG, M. C.; FERNANDES, R. C.; BRATIFISCHE, S. A. *Dança e Educação Física: diálogos possíveis* (pp. 41-66). Várzea Paulista: Fontoura. 2014.

EHRENBERG, Mônica Caldas; GALLARDO, Jorge Sérgio Perez. Dança: conhecimento a ser tratado nas aulas de Educação Física Escolar*. Motriz*, Rio Claro, v.11, n.2, p.111-116, mai./ago. 2005. Disponível em: <http://www1.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/11n2/11MCE.pdf> Acesso em: 15 de ago. de 2022.

EIDT, Nádia Mara; TULESKI, Silvana Calvo. Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade e psicologia histórico-cultural. *Cadernos de Pesquisa,* 40(139), pp. 121-146. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742010000100007> Acesso em: 15 de ago. de 2022.

FIAMONCINI, Luciana. Dança na educação: a busca de elementos na arte e na estética (v. 6). *Pensar a Prática*, 6, pp. 59-72. 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/rpp.v6i0.16055> Acesso em: 15 de ago. de 2022.

FREIRE, Ida Maria; ROLFE, Linda. Dançando também se aprende: O ensino da dança no Brasil e na Inglaterra. In: CABRAL, B. [Org.]. *O ensino de teatro:* Experiências interculturais. Santa Catarina: UFSC, 1999.

GALLAHUE, David. *Understanding Motor Development in Children* Boston: John Wiley, 2008.

GARAUDY, Roger. *Dançar a vida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1980.

GONÇALVES, Francisco; ALBUQUERQUE, Alberto; ARANHA, Ágata. *Avaliação: um caminho para o sucesso no processo de ensino e de aprendizagem.* ISMAI, Castelo da Maia. 2008.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. *Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade.* São Paulo: Mediação. 2014.

LACERDA, Teresa; GONÇALVES, Elsa. Educação estética, dança e desporto na escola. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto,* 9(1), pp. 105-114. 2009. Disponível em: <https://silo.tips/download/educaao-estetica-dana-edesporto-na-escola> Acesso em: 15 de set. de 2022.

MARQUES, Isabel Azevedo. *Interações: crianças, danças e escola.* Editora Edgar Blucher Ltda, São Paulo, 2019.

NANNI, Dionísia. *Dança educação: pré-escola a universidade.* 3. ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2003.

NISBET, John; SHUCKSMITH, Janet. *Estrategias de aprendizaje.* Madrid: Santillana. 1987.

ROCHA, Daniela; RODRIGUES, Graciele Massoli. A dança na escola. *Rev. Mackenzie de Educação Física e Esporte.* 2007; 6: pp. 15 -21. Disponível em: <https://www.mackenzie.br/fileadmin/OLD/47/Editora/REMEF/Remef_6.3/Artigo_01.pdf> Acesso em: 15 de set. de 2022.

SBORQUIA, Silvia Pavesi. As manifestações rítmicas e expressivas: sentidos e significados na Educação Física. In.: EHRENBERG, M. C.; FERNANDES, R. de C.; BRATIFISCHE, S. A. *Dança e Educação Física:* diálogos possíveis. Várzea Paulista: Fontoura. 2014.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. *O corpo, comunicação e cultura:* a dança contemporânea em cena. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

SOARES, Rodrigo Lemos; PEREIRA, Gustavo Henrique. Corpos em experiência: uma coreografia queer. *Revista da FUNDARTE*, [S. l.], v. 49, n. 49, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.19179/rdf.v49i49.1095> Acesso em: 15 de set. de 2022.

SOARES, Rodrigo Lemos*. "É um mal de Amor":* narrativas que forjam uma Educação quimbandeira. 2021. 168f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2021.

SOUZA, Maria Inês Galvão. O ensino da dança na escola: técnica ou criatividade? *Cadernos de Formação RBCE,* (v. 2). n. 1, pp. 32-42. 2011. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/1206/612> Acesso em: 15 de ago. de 2022.

STRAZZACAPPA, Márcia. Dança na educação: discutindo questões básicas e polêmicas*. Pensar a Prática,* Goiânia, (v. 6). n.1, pp. 73-85. 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/rpp.v6i0.55> Acesso em: 15 de set. de 2022.

VIANNA, Klauss Ribeiro*. A Dança.* São Paulo: Siciliano, 2005.

VIGOTSKI, Lev Semenovitch. *A formação social da mente:* o Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores*.* [Trad.] NETO, J. C.; BARRETO, L. S. M.; AFECHE, S. C. Martins Fontes. 2004.

VIGOTSKI, Lev Semenovitch. Concrete Human Psychology. *Soviet Psychology*, v. 27, XXII, pp. 53-77. 1989.